



**Ivan Vale de Sousa
(Organizador)**

**A Produção do Conhecimento
nas Letras, Linguísticas e Artes**

Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-228-9

DOI 10.22533/at.ed.289190204

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Como o conhecimento é produzido? Onde se produzem conhecimentos? Qual a necessidade de produzi-los? Por que produzir conhecimentos na sociedade contemporânea? Quem são os autores que produzem os mais variados conhecimentos? Quais áreas do conhecimento são as responsáveis pela construção do próprio conhecimento? Responder todas essas questões significa propor uma reflexão discursiva e ampla.

O conhecimento é construído como propostas capazes de transformar as experiências dos sujeitos na sociedade. Produz-se conhecimentos nas academias, nas escolas e nos espaços não formais de ensino, porque a constituição do conhecimento estabelece-se com as propostas de letramento. A justificativa de produzir conhecimentos na sociedade contemporânea parte da necessidade de comunicação dos sujeitos com seus semelhantes.

Os falantes de Língua Materna são os responsáveis, autores e protagonistas na produção de conhecimentos, por isso não existe uma única área específica em que a formulação da ciência é estruturada, problematizada e proposta como ação reflexiva.

Esta Coleção traz ao leitor diferentes trabalhos das mais diversas áreas e estéticas. São trinta trabalhos que têm a finalidade de inserir os leitores nos mundos revelados por cada texto, porque cada textualidade é única, mas, ao mesmo tempo, plural por tornarem habitados os espaços comunicativos e interativos do texto como eventos de comunicação entre produtores, leitores e interlocutores.

A finalidade do primeiro capítulo enfoca um estudo do neologismo, demonstrando os neologismos criados como empréstimos linguísticos em diversas áreas. No segundo capítulo, as autoras discutem a organização das práticas de ensino de Língua Portuguesa no Ensino Médio do Instituto Federal de Goiás à luz das propostas da Base Nacional Comum Curricular. No terceiro capítulo, a autora apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado realizada em 2014 sobre a consciência fonológica e os possíveis benefícios para o ensino-aprendizagem de língua espanhola.

A discussão do quarto capítulo traz à tona as contribuições de Mikhail Bakhtin no ensino da linguagem, fazendo um breve passeio pelo Círculo de Bakhtin, demonstrando as fronteiras discursivas no trabalho com a linguagem. No quinto capítulo um estudo lexical de uma temática instigante é discutido. No sexto capítulo, a autora propõe um estudo investigativo a partir do gênero textual *charge* como proposta discursiva na rede social *facebook*.

No sétimo capítulo, as autoras discutem a leitura e a produção de inferências nas provas de Língua Portuguesa do Processo Seletivo de Avaliação Seriada de uma instituição federal mineira, analisando, sobretudo, a desenvoltura dos candidatos. No oitavo capítulo o ensino de língua, literatura e cultura parte da utilização do gênero textual *crônica* como instrumento de ensino e aprendizagem. O nono capítulo traz os resultados sobre a intertextualidade explícita a partir da utilização e discussão dos

verbos *dicendi*.

No décimo capítulo, a autora examina alguns casos em que a transmídia fora utilizada por editoras brasileiras como ferramenta de criação de mídias suplementares aos livros produzidos. No décimo primeiro capítulo analisa-se o modo como a leitura é realizada pelo leitor, observando quais são os fatores determinantes para a interpretação e a compreensão de tirinhas na concepção pragmática. No décimo segundo capítulo é apresentada uma pesquisa em andamento que enfoca o estudo do léxico empregado nos livros didáticos de Português como Língua Adicional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras ocupam-se em analisar a segunda versão da Base Nacional Comum Curricular, mais precisamente do estudo do componente de Língua Portuguesa e de como a Literatura integra a referida versão do documento. No décimo quarto capítulo, os autores investigam as práticas situadas de letramento na elaboração do procedimento sequência didática por professores do ciclo de alfabetização, inseridos no Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa. No décimo quinto capítulo, dois motivos são apresentados pelo autor no que se refere às políticas linguísticas e na promoção do processo de ensino-aprendizagem de línguas para fins acadêmicos no Brasil.

No décimo sexto capítulo são relatados experiências e desafios da criação de um curso de Português – Língua Estrangeira, em Dar es Salaam, na Tanzânia. No décimo sétimo capítulo, as autoras trazem à discussão uma experiência de utilização de textos literários de autores brasileiros e latino-americanos, como Machado de Assis, Gabriel Garcia Márquez e outros no processo de ensino. O décimo oitavo capítulo discute a propriedade da literatura de relativizar muitos dos conhecimentos pragmáticos formadores dos indivíduos por meio do imaginário, o que possibilita ao leitor desenvolver, de maneira reflexiva, a subjetividade.

No décimo nono capítulo, a autora estuda textos literários multimodais como viés de contribuição e de compreensão das possibilidades interpretativas. No vigésimo capítulo, os autores apresentam esforços investigativos parciais no campo da filosofia da linguagem, na perspectiva de uma abordagem bakhtiniana. Já no vigésimo primeiro capítulo há a realização reflexiva acerca da literatura que trata das questões discutidas em toda a reflexão.

No vigésimo segundo capítulo, a autora analisa registros linguísticos em túmulos e lápides das línguas eslavas, polônês e ucraniano, faladas no interior do Paraná na relação com a identidade étnica dos descendentes de imigrantes eslavos. No vigésimo terceiro capítulo são averiguadas questões inseridas no âmbito da dublagem/legendagem que surgiram em consequência do processo de tradução audiovisual do objeto deste estudo. No vigésimo quarto capítulo, a autora discute algumas ideologias linguísticas presentes em comunidades de Prudentópolis sobre as línguas portuguesas e ucranianas.

No vigésimo quinto capítulo, as autoras debatem um texto de Jean Paul Bronckart, da Universidade de Genebra. No vigésimo sexto capítulo, a autora estuda a carta

rogatória como linha tênue na tradução entre o Português Brasileiro e o Italiano. No vigésimo sétimo capítulo, as autoras discorrem sobre a linguagem cinematográfica e as Línguas de Sinais promovendo um paralelo entre a Cultura Surda e o gênero *cinema* como artefato cultural.

No vigésimo oitavo capítulo, a autora discute os processos de criação e produção das imagens em processo de ensino e aprendizagem nas escolas de educação básica, considerando-se, com base na abordagem histórico-cultural do desenvolvimento humano. No vigésimo nono capítulo são estudadas as estratégias de tratamento da afasia sob a perspectiva da neurolinguística discursiva e, no trigésimo e último capítulo da coletânea, os autores apresentam reflexões sobre o trabalho “Disponíveis”, ou seja, um conjunto de fotografias e vídeos em que se nota uma sequência de *outdoors* obsoletos presente ao longo de uma rodovia que liga as três cidades: Brasília – Distrito Federal, Alexânia e Anápolis – Goiás.

Todas as reflexões propostas no primeiro volume desta coletânea cumprem a finalidade de ensinar, comunicar e propor a interação dos sujeitos, na função de leitores e interlocutores dos textos. Assim, os votos direcionados aos investigadores desta Coleção são de que consigam ampliar os saberes e a partir deles estabeleçam as conexões comunicativas necessárias no exercício cidadão e linguístico das ciências da linguagem.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A FORMAÇÃO DE NOVAS UNIDADES LEXICAIS: NEOLOGISMOS	
Hendy Barbosa Santos	
Francisca Jacyara Matos de Alencar	
Elayne Sared da Silva Morais	
DOI 10.22533/at.ed.2891902041	
CAPÍTULO 2	9
ORGANIZAÇÃO DAS PRÁTICAS DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE REFLEXIVA	
Aline Rezende Belo Alves	
Jane Faquinelli	
DOI 10.22533/at.ed.2891902042	
CAPÍTULO 3	18
CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Fabiana Soares da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2891902043	
CAPÍTULO 4	34
BAKHTIN NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E NO ENSINO DA LINGUAGEM	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.2891902044	
CAPÍTULO 5	47
ESTUDO LEXICAL DE UM PROCESSO CRIME DE ESTUPRO DO INÍCIO DO SÉCULO XX – 1911	
Claudice Ferreira Santos	
Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.2891902045	
CAPÍTULO 6	54
LEITURA DE CHARGES E DISCURSOS JUVENIS: UMA ABORDAGEM SOBRE CIDADANIA NO FACEBOOK	
Edilaine Gonçalves Ferreira de Toledo	
DOI 10.22533/at.ed.2891902046	
CAPÍTULO 7	66
LEITURA E PRODUÇÃO DE INFERÊNCIAS EM PROCESSOS SELETIVOS DE AVALIAÇÃO SERIADA	
Claudia Alves Pereira Braga	
Mauriceia Silva de Paula Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.2891902047	
CAPÍTULO 8	76
LITERATURA BRASILEIRA COMO INTERAÇÃO NO ENSINO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Maria José Nélo	
DOI 10.22533/at.ed.2891902048	

CAPÍTULO 9	89
O PAPEL DOS VERBOS DICENDI NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: PONTOS DE UM <i>CONTINUUM</i> ARGUMENTATIVO	
Alcione Tereza Corbari Quézia Cavalheiro M. Ramos	
DOI 10.22533/at.ed.2891902049	
CAPÍTULO 10	101
O USO DA TRANSMÍDIA POR EDITORAS BRASILEIRAS: ALGUNS PROJETOS EDITORIAIS	
Camila Augusta Pires de Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020410	
CAPÍTULO 11	110
TIRINHAS: LEITURA, INTERPRETAÇÃO E COMPREENSÃO, SEGUNDO O MODELO PRAGMÁTICO	
Onici Claro Flôres Silvana da Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020411	
CAPÍTULO 12	124
VERIFICAÇÃO DE FREQUÊNCIA LEXICOLÓGICA PARA A CLASSIFICAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ADICIONAL	
Maryelle Joelma Cordeiro Carlos Antônio de Souza Perini	
DOI 10.22533/at.ed.28919020412	
CAPÍTULO 13	136
O CURRÍCULO PROPOSTO NA BNCC E A FORMAÇÃO EM LETRAS	
Taíse Neves Possani Elisa Isabel Schäffel	
DOI 10.22533/at.ed.28919020413	
CAPÍTULO 14	145
O USO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS POR PROFESSORES ALFABETIZADORES EM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA: ANÁLISE E DISCUSSÃO	
Ricardo Jorge de Sousa Cavalcanti Rosiene Omena Bispo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020414	
CAPÍTULO 15	154
POLÍTICAS LINGUÍSTICAS BRASILEIRAS E LÍNGUAS PARA FINS ACADÊMICOS: UMA BREVE ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DOIS PROGRAMAS NACIONAIS	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28919020415	
CAPÍTULO 16	165
A FORMAÇÃO DE UM CURSO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA NA TANZÂNIA: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS	
Jean Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.28919020416	

CAPÍTULO 17	174
A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA DE ENSINO NUMA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR	
Maria Aparecida de Castro	
Maria Aparecida Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.28919020417	
CAPÍTULO 18	185
A LEITURA LITERÁRIA NA AFIRMAÇÃO DA SUBJETIVIDADE	
Simone Aparecida Botega	
Andréa Portolomeos	
DOI 10.22533/at.ed.28919020418	
CAPÍTULO 19	192
A LITERATURA INFANTIL EM DIFERENTES SUPORTES: POSICIONANDO LEITORES E ESPECTADORES E GERANDO POSSIBILIDADES INTERPRETATIVAS	
Verônica Coitinho Constanty	
DOI 10.22533/at.ed.28919020419	
CAPÍTULO 20	210
A PALAVRA E A RELAÇÃO EU/OUTRO NA PRODUÇÃO DO SABER	
Antônio Matosinho de Sousa Júnior	
Alessandra Pereira Carneiro Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.28919020420	
CAPÍTULO 21	218
A MEMÓRIA DE TRABALHO E SEU PAPEL NA APRENDIZAGEM, EM ESPECIAL, DA LEITURA	
Lidiomar José Mascarello	
DOI 10.22533/at.ed.28919020421	
CAPÍTULO 22	230
A VOZ DO SILÊNCIO: REGISTRO DE LÍNGUAS ESLAVAS EM CEMITÉRIOS NO INTERIOR DO PARANÁ	
Luciane Trennephol Da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020422	
CAPÍTULO 23	244
A TRADUÇÃO DAS ONOMATOPEIAS EM <i>SANZOKU NO MUSUME</i> , <i>RONJA</i> : MUITO ALÉM DO TIC-TAC	
Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado	
Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão	
DOI 10.22533/at.ed.28919020423	
CAPÍTULO 24	257
AS IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS PRESENTES NOS USOS DA LÍNGUA UCRANIANA NA CIDADE DE PRUDENTÓPOLIS - PR	
Vanessa Makohin Costa Rosa	
DOI 10.22533/at.ed.28919020424	

CAPÍTULO 25	267
BREVE DEBATE ACERCA DO QUADRO EPISTEMOLÓGICO SOBRE A ATIVIDADE DE LINGUAGEM DE BRONCKART	
Érika Christina Kohle Stela Miller	
DOI 10.22533/at.ed.28919020425	
CAPÍTULO 26	280
CARTA ROGATÓRIA: A TÊNUE LINHA TRADUTÓRIA ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O ITALIANO	
Karla Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.28919020426	
CAPÍTULO 27	291
CINEMA SURDO COMO ARTEFATO CULTURAL: LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E LÍNGUA DE SINAIS	
Halyne Czmola Kelly Priscilla Cezar Lóddo	
DOI 10.22533/at.ed.28919020427	
CAPÍTULO 28	305
CRIAÇÃO E PRODUÇÃO DE IMAGENS NOS CONTEXTOS ESCOLARES DO SÉCULO XXI	
Rosana de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.28919020428	
CAPÍTULO 29	315
DE QUE MODO A NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA PODE CONTRIBUIR PARA O TRATAMENTO DA AFASIA	
Maristela Schleicher Silveira Maíra da Silva Gomes Maica Frielink Immich	
DOI 10.22533/at.ed.28919020429	
CAPÍTULO 30	324
DESLOCAMENTO, ENTROPIA E FOTOGRAFIA: REFLEXÕES A CERCA DE “DISPONÍVEIS”	
Pedro Emmanuel Assis Lara Lacerda Vicente Martínez Barrios	
DOI 10.22533/at.ed.28919020430	
SOBRE O ORGANIZADOR	335

LEITURA DE CHARGES E DISCURSOS JUVENIS: UMA ABORDAGEM SOBRE CIDADANIA NO FACEBOOK

Edilaine Gonçalves Ferreira de Toledo

Centro Federal de Educação Tecnológica de
Minas Gerais
Varginha – Minas Gerais

RESUMO: Este estudo propõe uma investigação à charge como instrumento de mediação e reflexão sobre cidadania, numa perspectiva cultural e comunicacional, por meio da construção de pacto de leitura entre produtores e receptores. Baseado em sua forma e conteúdo – bem como de sua presença significativa nas mídias tradicionais, nos livros didáticos de escolas de nível médio da educação básica, provas institucionais de acesso às universidades e nas redes sociais, e também pela interação que constrói entre os polos da produção e recepção de seu discurso –, a charge ocupa, atualmente, lugar de importância no que se refere à enunciação de contestações e argumentações sobre a realidade que retrata, e na qual os cidadãos estão inseridos; estes que se movimentam enquanto atores sociais, em busca de sua inserção e reconhecimento em sociedade. Assim, este trabalho analisou, por meio de interação entre charges e jovens alunos de uma escola pública federal de nível médio (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, unidade Varginha), na rede social – Facebook –, a forma por meio

da qual uma prática discursiva de cidadania emerge dessas apropriações, enquanto ação cultural de consumo, na perspectiva de análise entre produção-produto-recepção. A metodologia fundamenta-se numa articulação entre comunicação e cultura, por meio de mídia digital – facebook – em que dialogia, interação e mobilidade discursiva manifestam-se em repertórios compartilhados, construídos pelos sujeitos socialmente situados nas instâncias de produção e recepção.

PALAVRAS-CHAVE: charge, comunicação, cidadania.

ABSTRACT: This study aims to investigate the charge as a tool to mediate and reflect on citizenship in a cultural and communicational perspective, through the development of a reading pact between producers and receivers. Based on its form and content – just like its significant presence in traditional media, in high schools textbooks of basic education, institutional tests for universities entry and in the social networks, through the interaction which they build between production and reception of their discourse -, the charge currently occupy an important position in relation to critical enunciations and argumentations about the reality that they depict, of which citizens take part and who behave as social actors, seeking their insertion and recognition in society. So,

this study to analyze, through the interaction between charge and young students of a federal public high school (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG, Varginha unit) in the social network – Facebook – the form through which a discursive practice of citizenship emerges from these appropriations, as a cultural action of consumption, in the perspective of the analysis between production-product-reception. The methodology is based on an articulation between communication and culture by means of digital media – facebook – in which dialogue, interaction and discursive mode manifest themselves in shared repertoires built by subjects socially situated in instances of production and reception.

KEYWORDS: charge, communication, citizenship.

1 | INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade contemporânea que muito seduz pela imagem, rapidez da informação e usos de tecnologia; e a charge, através do chargista que a compõe, diariamente, em diferentes mídias de veiculação, e do seu público-receptor que a lê, propõe buscar significados para o momento em que se vive e posicionar-se frente a essas demandas com engajamento, de modo a gerar atitudes e reflexões que denotem apropriações de consumo cultural como forma de exercer cidadania (Garcia Canclini, 2005 e 2010; Martín Barbero, 2010).

E ao falarmos em cidadania, queremos refletir sobre uma dimensão política e cultural, que se agregam ao analisar e buscar um conceito que transcenda os usos de senso comum, e na qual é a base para uma investigação conceitual, pois, na atualidade, ao falar de cidadania, nós entendemos que várias significações atrelam-se aos contextos históricos, políticos e sociais de cada época em que foram estabelecidas, sendo, portanto, um conceito móvel e ancorado ao modo de ser e viver em sociedade, em determinado tempo sócio-histórico.

Com isso, abre-se espaço para se refletir sobre um exercício de cidadania que advém dessa interação entre produtor e receptor, mas não apenas como leitura e interpretação do cotidiano, indo, portanto, além disso, por meio de consumo enquanto apropriações culturais e escolhas simbólicas e discursivas, na construção de um espaço entre produção e recepção, para pensar as transformações sócio-históricas em que esses interlocutores estão envolvidos (Borelli, Rocha e Oliveira, 2008 e 2009).

A charge tem lugar de destaque nos contextos midiáticos, sempre a registrar pela caricatura e o humor, como está nossa vida em sociedade: seu discurso está carregado de várias vozes, interditos, o que Bakhtin (2003) chama de polifonia ao dizer que nenhum enunciado, nenhum discurso está isento da ação de outro, pois, em constante dialogia, os sujeitos, inscritos em seus contextos, interagem, enunciam seus discursos, que vão ao encontro de outros já existentes, criando um ciclo de interlocução que, ora parte de quem os emite, ora de quem os recebe, e vice-versa, numa constante enunciação discursiva (Bakhtin, 2009; Baccega, 1995 e 2009-a; 2009-b).

E neste espaço simbólico de construção de sentidos, negociada seja por consensos, seja por conflitos, é que uma ação cultural de cidadania, mediada pelo discurso chárigo, manifesta-se na interação entre esses polos. Com isso, na posição de enunciatário, que se alterna com a de enunciador (Baccega, 1995), no momento interativo dos repertórios que se compartilham, esse receptor – o leitor, o público-alvo – enfim, a outra parte no princípio dialógico e polifônico da linguagem e na teoria das mediações (Martín Barbero, 2001 e 2002), caracteriza o que se conhece como polo da recepção, e portanto, também coautor de sentidos e posicionamentos.

Pelo que foi exposto, este trabalho analisou qual o espaço da cidadania no contexto de produção e recepção da charge, por meio da interação e apropriações de seu discurso no facebook, por leitores jovens de 15 a 18 anos de uma escola pública federal, o CEFET-MG, unidade Varginha. E isso com base em pressupostos de que a charge é uma, entre outras linguagens, capaz de materializar um diálogo entre interlocutores, em variados contextos sociais, que, cotidianamente, negociam e intercambiam seus valores, conceitos e representações, é que se vislumbra uma nova prática de cidadania em cenários digitais.

2 | CHARGE E CIDADANIA

De origem francesa, a palavra charge significa carregar, exagerar, marcar fortemente algo ou alguém, no âmbito político, social e cultural; sua forma e conteúdo, traços, cores, cenário e exagero do desenho sobre as personagens, que, em geral, são pessoas públicas no exercício político e de representatividade social, são características que compõem sua singularidade enquanto gênero e discurso.

Ao longo do tempo, muitos estudiosos e pesquisadores de áreas diversas, têm se ocupado em investigar a charge, dada a sua presença nos meios de comunicação sempre a enfatizar fatos cotidianos e promover críticas e argumentações sobre a realidade. Dentre alguns deles, destacamos Agostinho (1993); Romualdo (2000); Melo (2003); Miani (2012):

[...] a charge se constitui de realidade inquestionável no universo da comunicação, dentro do qual não pretende apenas distrair, mas ao contrário, alertar, denunciar, coibir e levar à reflexão [...] dirige-se à ação do indivíduo dentro do social e, como consequência, necessita de vários elementos gráficos para se materializar, tais como: cenário, espaço, perspectiva, movimento, onomatopeias, e às vezes, texto para verbal para completar a ação ou para dar voz aos personagens (Agostinho, 1993: 228-229)

[...] texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico [...] (Romualdo, 2000:21)

Charge: crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. Reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a ótica do desenhista. Tanto pode se apresentar somente através de imagens quanto combinando imagem e texto (título, diálogos) Sua validade humorística advém do real, da apreensão de

facetas ou de instantes que traduzem o ritmo da vida em sociedade, que flagram as expressões hilariantes do cotidiano. Sua intenção é representar o real, criticando-o. A charge contém a expressão de uma opinião sobre determinado acontecimento. (Melo, 2003:167-168)

[...] a charge não se restringe a reproduzir reeditando o texto verbal no código visual, nem tem como objetivo apenas ilustrar uma notícia, mas também interpretá-la. (Miani, 2012:41)

A charge, em sua composição híbrida de imagem e texto, consolidou, por meio da imprensa, seu espaço enquanto texto e gênero que articula seu enunciado na exata medida entre crítica, humor e retratação da realidade na qual está ancorada. Nesse sentido, em sua forma e conteúdo, tem na imagem e no texto escrito – elementos verbais e não verbais – aspectos estruturantes de sua composição, com ênfase à caricatura como traço peculiar da retratação visual.

Assim, torna-se enunciado, uma “unidade real da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2003:269), na materialização do discurso nos diálogos entre interlocutores, sujeitos e atores sociais em seus contextos, e nos quais estruturam os gêneros do discurso, “os tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 2003:262).

Com isso, charge caracteriza-se como gênero textual e discursivo, já que em sua forma e conteúdo particulares, enuncia discursos que atravessam as formações sociais, políticas, históricas e culturais dos indivíduos socialmente situados, como os jovens investigados na pesquisa, e, portanto, cidadãos, já que é pela interação social que os enunciados produzem significações culturais entre interlocutores.

Conforme Bakhtin (2003:272), “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros discursos”, e desse modo, a base para o que ele chama de discurso. Assim, por meio do referencial teórico aqui apresentado, a charge apresenta-se como produto cultural do campo da comunicação, propicia à mediação de uma interação entre seu produtor e público-leitor, e oferece uma discussão sobre o cotidiano onde todos estão inseridos, neste circuito de produção, produto e recepção, aspecto que consideramos relevante nas apropriações de cidadania cultural (García Canclini, 2010). Ela é enunciado de gênero híbrido, com imagem e texto, e também é discurso, que se manifesta por meio da ironia e crítica em forma de caricatura sobre o cotidiano social, político e histórico de determinado contexto.

O conceito da cidadania sempre sofreu modificações, sendo repensado e ampliado ao longo dos processos históricos, até atingir o status atual. Por isso, refletir sobre um conceito de cidadania que vá além do que as leis predizem, e dos conceitos já conhecidos e precursores do que ela representa, em meio a cenários de globalização e crescente midiatização digital (García Canclini, 2003), parece ser algo relevante, pois mostra como esse conceito ainda se reelabora, de tempo em tempo, na tentativa de explicar e justificar as diferentes formas que a sociedade contemporânea busca para incorporar novos princípios e práticas aos sujeitos e à cidadania que exercem, de modo a lhes dar uma concepção que contemple o sentido necessário, na atualidade:

Por isso entendemos que por meio de interações, na concepção deliberativa de democracia e prática cidadã, as apropriações em torno do discurso da charge e de em seu espaço de produção e recepção, podem ser entendidas como mediações e materializações de cidadania cultural (García Canclini, 2010).

3 | CAMPO COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Nesse contexto contemporâneo de tecnologias e agilidade para noticiar os fatos, a charge acompanha esse cenário e adapta-se a um indivíduo-sujeito e jovem cidadão, seu interlocutor nessa interação: um ator social, consumidor - como os investigados na pesquisa, jovens alunos de 15 a 18 anos - que têm facilidade de acesso ao que lhe acontece, com simultaneidade, já que este cidadão se apropria desse discurso chárigo enquanto leitor ativo e receptor que produz sentidos, aos quais se reelaboram nas interações com o polo da produção, o chargista, num ciclo de interações compartilhadas.

E isso nos favorece apontar o que motiva, nesta análise, a consolidação da charge no contexto das culturas digitais: a presença e atuação do campo comunicação/ educação, como estrutura e aporte fundamental, (Baccega, 2009-c e 2011), esse espaço simbólico onde comunicação e educação convergem, a fim de promoverem e repensarem a formação e atuação dos cidadãos, bem como um lugar de mediação em que os polos de produção e recepção constroem ações culturais de cidadania e congregam-se, permitindo mediações junto ao público receptor, o jovem aluno de ensino médio e sujeito-cidadão. Como diz Martín Barbero (2011):

A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional. [...] Só assumindo a tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura é que a escola poderá inserir-se de novo nos processos de mudança atravessados pela nossa sociedade e interagir com os campos de experiência em que se processam essas mudanças. (Martín Barbero, 2011: 126-132)

Isso facilita também o apontamento e análise da ação de cidadania cultural, conforme García Canclini (2010), já que esta pressupõe repertórios compartilhados na elaboração e ressignificação de sentidos entre os polos de produção e recepção (Martín Barbero, 2001; Lopes, Borelli e Resende, 2002), em relação às apropriações enquanto pertencas e consumos simbólicos neste cenário em que as mídias globalizadas reinventam as formas dos indivíduos-sujeitos (Baccega, 2007; 2009-a e 2009-b) acessarem e produzirem conhecimentos e informações.

Assim, dado que os meios de comunicação, em especial os digitais, permitem mediações mais rápidas, interativas, motivadoras e em qualquer contexto onde os usuários e cidadãos os acessem para se formarem, informarem-se, entreterem-se e conectarem-se para qualquer fim, a cultura digital imprimiu novo caráter de ação e

posicionamentos dos cidadãos, alterando suas práticas e percepções em sociedade: e o campo comunicação/educação (Baccega 2007 e 2009) permite que esta performance materialize-se na escola, em especial, por meio de redes sociais como o facebook.

E se a comunicação alterou-se, então isso muda também o jeito de ser e de atuar dos cidadãos em seus cotidianos, como na família e na escola, já que os meios de comunicação atuais favorecem a posição de um sujeito-consumidor em face de uma renovada cidadania, sobretudo os jovens, que já estão imersos nas tecnologias, e em toda a acessibilidade que ela proporciona em suas vidas diárias.

4 | UMA ABORDAGEM DE CIDADANIA NO FACEBOOK

A escola, como instituição, adapta-se aos novos modos midiáticos para construir a formação crítica de seus alunos, ou pelo menos, vem tentando, e com isso dar novos rumos à forma de propagar informação e produzir conhecimentos. Com essa convergência, o sujeito cidadão também é outro e com outras perspectivas em seus contextos, visto que a dicotomia entre as “agências de socialização”, “mídia versus escola e família” (Baccega, 2011:33) não têm mais lugar na contemporaneidade, dada a vigência e consolidação que o campo comunicação/educação pressupõe:

Essa importância reafirma-se cada dia. Nessa disputa estabelecida – entre meios de comunicação versus escola e família – não há ganhadores ou perdedores. Evidencia-se, cada vez mais, um intercâmbio de todas as agências de socialização, de todos os territórios ‘reais’ ou ‘virtuais’ na construção da cidadania. (Baccega, 2009:25)

Nesse sentido, é pertinente considerar o posicionamento discursivo de jovens alunos do CEFET-Varginha, sujeitos da pesquisa, no facebook, sobre charges que compõem seus livros didáticos: isso se justifica não só pelo cenário digital no qual estes jovens nasceram e estão inseridos, mas também pela atualidade temática que as charges possibilitam; e ainda, pela forma acessível, dinâmica e metodológica que a rede social – facebook – permitiu aos jovens interlocutores e cidadãos posicionarem-se.

A interação com jovens entre 15 e 18 anos buscou compreender como essas trocas e intercâmbios discursivos, entre produção-produto-recepção, podem configurar-se como ação cidadã por meio dos sentidos construídos entre seus interlocutores, já que a possibilidade de interagir no mundo digital materializa mediações em torno de uma concepção de cidadania cultural que é possível nessa perspectiva.

Por isso, a rede social Facebook, em grupo específico para metodologia de investigação (Grupo Pesquisa de Tese, 2013-2014) , serviu como mediação e recepção na interação das charges dos livros didáticos e os jovens participantes, para demarcar ênfase nos polos da produção e recepção. E nesse percurso de investigação, entendemos que essa prática apresenta-se como exercício de cidadania.

Ampliar a reflexão em torno do conceito de cidadania e conciliar a ideia de uma

cidadania formal e já existente, com outra ainda não formal e prática, a todos os que são considerados cidadãos, é possível, pois entendemos que, por meio de interações, na concepção deliberativa de democracia, as apropriações em torno do discurso da charge, em seu espaço de produção e recepção, podem ser entendidas como mediações e materializações de cidadania cultural (García Canclini, 2010).

Essa dimensão entendida como cultural amplia-se na medida em que essa igualdade citada por Martín Barbero (2001 e 2006) ainda é diferença, ou seja, não alcança a todos, como o mesmo autor apresenta-nos a reflexão do desejo individual ao desejo coletivo, ao se referir “sobre o mundo da cultura e da política, articulando o reconhecimento da diferença com o discurso que denuncia a desigualdade, e afirmando a subjetividade implicada em toda ação coletiva” (Martín Barbero, 2001:21): ela dá espaço a uma cidadania mais engajada e legitimada nos direitos culturais, por ações entre atores sociais no campo da comunicação/educação (Baccega, 2011) – charges e jovens alunos do Cefet-MG, Varginha - nos contextos globalizados das tecnicidades contemporâneas.

No entendimento dos jovens alunos entrevistados, e que compõem a instância da recepção nas interações com charges da pesquisa, cidadania tem, na visão de mundo deles, acepções que enfatizam intercâmbios, interações, legitimações a partir de suas vidas cotidianas, e também obrigações do Estado como o agente que lhes outorga a condição de cidadãos, além de ações de coletividade e inclusão, continuidade e mobilidades sócio-históricas. Ou seja, enunciações que partem das experiências pessoais e contextuais de onde vivem e do qual se apropriam enquanto cidadãos que são; elas são construídas por discursos e ações que argumentam, intercambiam, refutam e negociam sentidos a partir de suas práxis, em sociedade:

[...] Cidadania é ter uma identidade, um lugar social, sua individualidade relacionada à coletividade da sociedade, respeito, dignidade: cidadania é muitas vezes associado a vários conceitos abstratos, mas é um substantivo muito concreto. Garantir a cidadania não deveria ser algo a ser praticado, mas sim algo inato e intrínseco do próprio viver social moderno, entretanto, ainda hoje muito se luta para garantir a cidadania [...]. (B.O.S.P., Facebook, 28 de abril de 2014)

[...] Cidadania para mim é qualquer cooperação voluntária, pela melhoria da vida em sociedade. Mas é também uma maneira de dizer que você é um cara legal porque paga seus impostos, mesmo que seja porque o Estado te obriga.

(L.F.M.B., Facebook, 28 de abril de 2014)

[...] É uma construção contínua já que novas ideias e ideais são injetados ao nosso redor constantemente. [...]

(L.B.C. Facebook, 29 de abril de 2014)

[...] Seria como se fosse uma rede de cooperação em que todos os pontos lutam por si e ao mesmo tempo por outros [...]

(T.R.C., Facebook, 28 de abril de 2014)

Percebemos que a visão dos jovens alunos sobre cidadania não se limita ao senso comum que eles têm e denota conhecimento sócio-histórico sobre a sociedade em que vivem, mesmo que seja a partir das mídias nas quais têm acesso, ou pelo conhecimento que adquirem na escola e na família; isso se configura em algo que eles tentam externar como parte de suas vidas, com mobilidade para ajustar-se ao que é necessário, por experiências que nascem dos contextos onde estão inseridos. Há em seus discursos uma materialidade de ações, opiniões e posicionamentos com características culturais, pautados nos modos de vida cotidiana, conforme Williams (2011-a: 321), e que nos permitem vislumbrar uma prática de cidadania estabelecida.

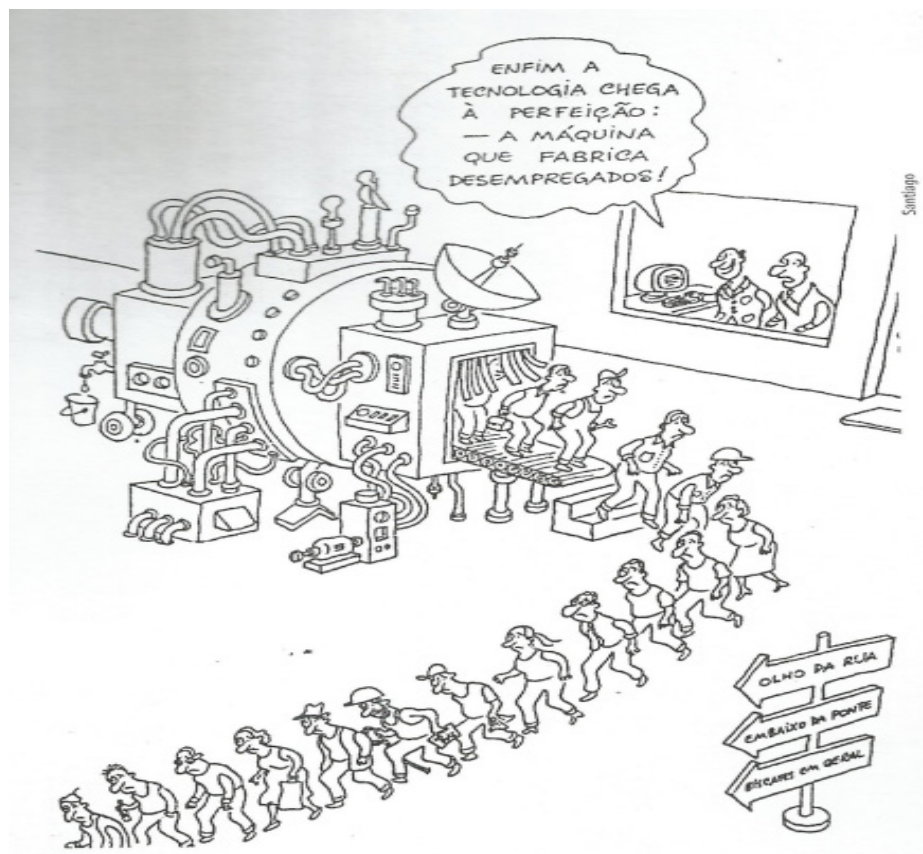
Vemos também imbricados aos discursos desses jovens, o conhecimento de mundo que eles já têm quando chegam à escola e o articulam aos vários discursos que esta, enquanto espaço de mediação institucional, já detém e também disponibiliza a esse jovem aluno e cidadão; temos também, nessa configuração, demarcações de poder dos meios de comunicação na vida deles, bem como engajamentos culturais estruturados em suas famílias.

Ao enunciarem “ter uma identidade, um lugar social”, “qualquer cooperação voluntária, pela melhoria da vida em sociedade”, “rede de cooperação”, “construção contínua”, percebemos que há um consumo por meio de atitude cultural e que “desenvolvem-se formas heterogêneas de pertencimento, cujas redes se entrelaçam com as do consumo”, conforme García Canclini (2010:47).

Isso denota que fazem parte dessa sociedade, enquanto sujeitos ativos, com percepção de dialogia, pertença e reconhecimento social e histórico, ao externarem suas opiniões mediante o que estruturam seus repertórios, o que acompanham nas mídias e, sobretudo, pelo que fazem com esses conhecimentos pré-adquiridos para construir suas argumentações. Eles já possuem bases suficientes para interpretar o que o discurso chaérgico apresenta, em função da permanência dos mesmos problemas que impedem o pleno exercício e consumo da cidadania, na atualidade.

Assim, de acordo com essas enunciações juvenis, compreendemos que não há um conceito pronto para o que é cidadania, visto que ele se amplia conforme os cenários sociais se modificam: isto se constitui nos usos e nas as representações que os sujeitos fazem da realidade, em suas práticas que tencionam um quadro hegemônico estabelecido.

Nessa charge de Santiago, por exemplo, podemos confirmar que assuntos da atualidade, como a presença da tecnologia que desemprega muitos trabalhadores, já antevê seu público-leitor e tem a consciência de provocar o efeito de sentido necessário para gerar uma reflexão dialógica sobre o contexto que retrata. Vejamos um exemplo dessa ação reflexiva nos discursos dos alunos da pesquisa sobre o tema e a crítica presentes nesta charge:



Seria essa charge referente a substituição do homem pela máquina, o que geraria desemprego? Se sim, achei bem construída, criativa.

(T.R.C., Facebook, 07 de novembro de 2013).

Acho que também tem a ver com a mão de obra reserva que o sistema capitalista precisa pra regular a economia. Achei bem legal essa.

(B.O.S.P., Facebook, 07 de novembro de 2013).

[...] a crítica é focada nessa era de revolução tecnológica, bem atual, valeu!

(T.R.C., Facebook, 07 de novembro de 2013).

Acho que a crítica em relação à substituição de trabalhadores pela máquina ficou evidente na relação que é ela que cria o desemprego!

(L.F.M.B., Facebook, 07 de novembro de 2013).

Como produto de consumo, por meio dessa mediação em rede social, a charge possibilita depreender nessas enunciações um posicionamento argumentativo diante dessa questão, o desemprego, em função da ascensão da tecnologia, na “máquina que fabrica desempregados”. Essas ressignificações, por meio desses intercâmbios, das competências culturais e conhecimento de mundo de cada um, mostram que o espaço da recepção compõe e realinha sentidos nas interações, junto com a instância da produção. Isso porque, seja no que a charge diz, seja no que o leitor pensa, e no que ela e o leitor, juntos, intercambiam e compartilham, um novo sentido surge dessa

interação, ora por reafirmação, ora por refutação, sempre diante das questões que são notícias e motivos de críticas.

Temos, então, repertórios compartilhados, novos sentidos, velhos e outros discursos, na perspectiva da produção, produto e recepção (Martín Barbero 2002; Lopes, Borelli e Resende, 2002), em ações de comunicação conscientes que visam a uma interação participativa: a produção e a recepção, por meio da charge, constroem e possibilitam uma prática de cidadania, tendo como base os lugares sociais e os repertórios históricos e culturais.

O cotidiano desses alunos determinou a produção discursiva deles na rede social durante a leitura/interpretação das charges: o que são, fazem, pensam ou desejam ser e fazer, construído por seus repertórios e competências, tendo a família e a escola como bases, orientou o ritmo de interação e apropriações nessa articulação entre comunicação, cultura e educação, ratificando uma prática de cidadania. visto que várias formas de leitura que surgem do meio familiar, das instituições nas quais fazem parte, das práticas sociais que realizam, acontecem enquanto pertencimento social. E isso, segundo Martín Barbero (2001; 2002), confirma que comunicação e cultura estruturaram a ideia de mediação, onde o sentido é produzido no âmbito dos usos sociais, pois que a estratégia de leitura identifica o gênero e cria caminhos de comunicabilidade.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maneira de se comunicar e obter informações por meio das mídias digitais, resulta em outras mediações e outras formas de apropriação entre os interlocutores, de maneira que essas novas caracterizações denotam inovação no jeito de viver em sociedade.

Nessas novas formas de cidadania a serem construídas, destacamos um engajamento cultural e hegemônico que materializa atitudes e denota pertencas por meio de consumos (García Canclini, 2010; Martín Barbero, 2001; 2006), assim como permite e aprofunda o diálogo em torno de todos os aspectos que formam uma sociedade, seja pela dinâmica com que a informação vai ao seu interlocutor, em variados formatos, seja na maneira com que as práticas cotidianas enfatizam experiências e trocas interculturais entre os sujeitos, cidadãos ativos dessa concepção que demarcamos a partir da interação com o gênero charge

Entender, então, a cidadania como cultura, representação de conflitos e intercâmbios cotidianos, através da interlocução entre charge e jovens alunos, conforme este estudo propôs, tendo a mídia digital facebook como processo mediador de discursos, torna-se relevante na construção e consolidação de novas ações que manifestem, de fato, uma prática cidadã entre comunicação virtual, educação e cultura com nossos jovens cidadãos.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Aucione Torres. **A charge**. Tese de Doutorado em Comunicação. São Paulo: Departamento de Ciências da Comunicação, ECA/USP, 1993.

BACCEGA, Maria Aparecida. (org.). **Palavra e Discurso, História e Ciência**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **O Campo da Comunicação**. In: FILHO, Clóvis de Barros; CASTRO, Gisela (org.). **Comunicação e Práticas do Consumo**. São Paulo: Saraiva, p. 79-86, 2007.

_____. **Inter-relações comunicação e consumo na trama cultural: o papel do sujeito ativo. Parte I: Interseções Teóricas: Comunicação, Consumo, Educação, Publicidade**. In: Castro, Gizela G. da Silva; Tondato, Márcia P. (org.). **Caleidoscópio midiático: o consumo pelo prisma da comunicação**. Escola Superior de Propaganda e Marketing, Org. São Paulo: Editora RS Press, 2009 (a), volume único, p. 12-30.

_____. **Comunicação, educação e consumo: relações**. In: CASTRO, Gisela; BACCEGA, Maria Aparecida (org.) **Comunicação e consumo nas culturas locais e globais**. Coletânea do III Colóquio Binacional Brasil-México de Ciências da Comunicação, ESPM e INTERCOM, São Paulo, 2009 (b), volume único, p. 228-245.

_____. **Comunicação/educação: relações com o consumo. Importância para a constituição da cidadania**. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, 2010, vol. 7, nº 19, julho/2010, p. 4-6 5.

_____. **Comunicação e Educação e a construção de nova variável histórica**. In: CITELLI, Odair Adilson e COSTA, Maria Cristina Castilho (org.). **Educomunicação, construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, p. 31-41, 2011.

BAKHTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.

_____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BORELLI, Sílvia Helena Simões. ROCHA, Rose de Melo. OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. **Jovens Urbanos: trajetórias partilhadas da pesquisa (2002/2008)**. *Revista Ponto e Vírgula*, vol. 4, São Paulo: PUC-SP, 2008, p. 231-253.

_____. ROCHA, Rose de Melo; OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves; SILVA, Josimey Costa da. **Urbanidade como espelho: cultura, mídia, produção e consumo nas cidades**. In: BORELLI, Sílvia H. S.; FREITAS, Ricardo Ferreira. **Comunicação, Narrativas e Culturas Urbanas**. São Paulo: EDUC, 277-293, 2009.

CASTELLS, Manuel. Inovação, liberdade e poder na era da informação. In: MORAES, Dênis de. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, p. 225-231, 2006.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação – A linguagem em movimento**. São Paulo: editora Senac, 2000.

FACEBOOK, **Interação da pesquisa com jovens investigados** no. Comentários, curtidas e postagens no grupo fechado para pesquisa. Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/600909253293653/?ref=bookmarks>>. Acesso em 07 Ago. 2013 até 31 Jan. 2016.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, Desiguales y Desconectados: Mapas de la Interculturalidad**. Barcelona: Gedisa, 2005.

_____. **Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 8^a Ed., 2010.

_____. **Culturas híbridas, poderes oblíquos. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp, p. 282 a 350, 2013.

LOPES, Maria Immacollata Vassallo. BORELLI, Sílvia Helena Simões. RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela: mediações, recepção, teleficcionalidade.** Sumus Editorial, 2002.

MARTÍN BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e Hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

_____. **América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social.** In: SOUZA, Mauro Wilton (org.) **Sujeito, o Lado Oculto do Receptor.** São Paulo: Brasiliense, p. 39-67, 2002.

_____. **Ofício de Cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura.** Tradução: Fidelina Gonzáles. Coleção Comunicação Contemporânea 3, São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no século XXI.** In: MORAES, Dênis de. *Sociedade midiaticizada.* Rio de Janeiro: Mauad, Parte I: Cultura Tecnológica e Mídiação, p. 51-79, 2006.

_____. **Cidadanias em cena: performance, política e direitos culturais.** Instituto Hemisférico de Performance e Política. Office of the Provost: New York University, 2010.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro.** Capítulo IV, p. 101-183. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MIANI, Rozinaldo Antonio. **Charge uma prática discursiva e ideológica.** *Revista 9ª Arte*, volume 1, número 1, 1º semestre de 2012, São Paulo, p. 37-48.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. **Cibercultura, cultura audiovisual e sensorium juvenil.** In: LEÃO, Lucia. *O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias.* São Paulo: Ed. SENAC, p. 495-497, 2005..

ROCHA, Rose de Melo. **Da geração “X” à geração “ctrl alt del”: consumindo tecnologia, reiniciando a cultura.** In: LEÃO, Lucia. *O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias.* São Paulo: Ed. SENAC, p.197-198, 2005.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge Jornalística: intertextualidade e polifonia.** Maringá: Editora UEM, 1ª ed. 2000.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **Sentidos do humor, trapaças da razão: a charge.** Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2005.

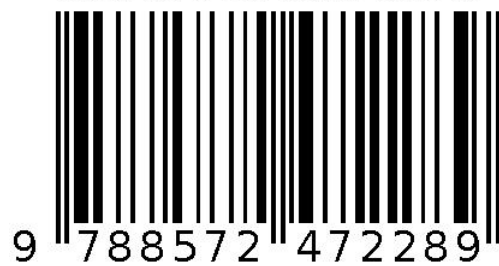
WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade.** De Coleridge a Orwell. Rio de Janeiro, Vozes: 2011.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-228-9



9 788572 472289